

A PRÉ-HISTÓRIA EM FILME: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Kétsia Ferreira Viana Bezerra Dias; Senyra Martins Calvacanti

Universidade Estadual da Paraíba - diasketsia@gmail.com

Resumo: O presente trabalho é resultante de uma das experiências didático-pedagógicas do Projeto de Extensão “Cinema e Educação Histórica no ensino Fundamental” (PROEX-UEPB), executado entre os meses de março e abril de 2018 com alunos de uma turma do 6º ano da Escola Nossa Senhora do Rosário, situada na Cidade de Campina Grande-PB, na qual foi abordada a temática da Pré-história a partir do filme “A Guerra do Fogo” (dir. Jean-Jacques, 1982). Desse modo, foram realizadas análises sobre as respostas dos alunos na discussão e na atividade proposta sobre o filme em destaque. Para fundamentar a ação teve como aporte teórico Ferro (1992), Morettin (2011) e Lagny (2009) a respeito da relação cinema e história. O estudo justifica-se devido à importância que o filme histórico exerce como recurso pedagógico para despertar o interesse do educando sobre a História. Por fim, os resultados da experiência didático-pedagógica apontaram que o trabalho com filmes históricos no Ensino Fundamental como ação educativa e cultural é um recurso que facilitou a aprendizagem dos alunos sobre o conteúdo escolar da Pré-História.

Palavras-chave: Pré-história, Paleolítico, História, Filme histórico.

INTRODUÇÃO

O filme histórico demanda conhecimento da história na qual o professor necessita realizar uma contextualização do mesmo, afim de que os “alunos reúnam saberes e ações que lhes possibilitem, de maneira cada vez mais autônoma, localizar no tempo, no espaço e dentro de cada cultura fatos, processos, acontecimentos e produções de diversos tipos de documentos históricos” (ZUCCHI, 2017, p. 18), que tiveram impacto em determinada sociedade. Desse modo, a Base Nacional Comum Curricular (2017), propõe que durante o processo de ensino-aprendizagem os alunos e professores assumam uma “atitude historiadora” em relação aos conteúdos de história no Ensino Fundamental. Para desenvolver esta atitude é proposto pela BNCC realizar o processo de contextualização considerado como habilidade fundamental na construção do conhecimento histórico. Então, parti desse pressuposto para desenvolver uma ação pedagógica que articula a temática cinema e educação histórica.

O artigo apresenta uma das experiências didático-pedagógicas do Projeto de Extensão “Cinema e Educação Histórica no Ensino Fundamental” (PROEX-UEPB), sob a coordenação da professora Senyra Martins Cavalcanti (DE/UEPB), que foi desenvolvido entre os meses de março e abril de 2018. No referido projeto foi desenvolvida uma ação pedagógica intitulada “Nossas Origens: A Pré-História em Filme” com os objetivos de conhecer o Período Paleolítico, perceber como as pessoas da Pré-história são representadas, desenvolver a noção

de reconstituição e representação do passado no filme, e refletir sobre as mudanças na organização da sociedade.

O projeto possibilitou o trabalho com o cinema na escola com caráter educativo e de forma contextualizada, pois o filme histórico é um instrumento para a construção de conhecimento, bem como para despertar o interesse e atenção do alunado no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, de acordo com Ferro (1992), durante muito tempo o filme não foi considerado pelos historiadores como fonte histórica e por ser uma fonte não escrita foi desprezado e recusado pelos mesmos, mas a ideologia bem como o perfil dos historiadores variou devido à especificidade de discurso que apresentam, porém a função que exercem pouco mudou.

Ferro (1992), aponta que o historiador sempre escolheu um determinado conjunto de fontes, e adotou um determinado método de acordo com a sua função e o contexto da sua época para documentar os fatos históricos do ponto de vista daqueles que estavam no topo da estratificação social.

Ferro (1992), prossegue argumentando que as fontes usadas pelo historiador no início do século XIX eram hierarquizadas de acordo com a sociedade, ou seja, eram divididas em categorias destinadas aos níveis de estratificação social organizadas do mais importante para o menos importante, pois durante esse período a História se apropriou dos princípios do Positivismo¹ com o objetivo de buscar cientificamente as “verdades” do passado, uma vez que a “verdade histórica” deveria ser pesquisada em documentos históricos escritos e oficiais como leis e discursos políticos em razão de serem considerados fontes confiáveis para o estudo da História. No entanto, esses documentos eram produzidos pelas classes sociais mais privilegiadas e, conseqüentemente, representava a visão dessa elite sobre a sociedade desconsiderando as classes menos privilegiadas da História.

Segundo Ferro (1992), no início do século XX o cinematógrafo era considerado pela elite como “uma máquina de idiotização e de dissolução, um passatempo de iletrados de criaturas miseráveis exploradas por seu trabalho” (FERRO, 1992, p. 28), e essa fonte era desvalorizada pela sociedade culta e desprezada pelos historiadores sendo destinada para a

¹ O Positivismo surgiu no início do século XIX na Europa e se caracterizou como uma doutrina filosófica, sociológica e política derivada do Iluminismo que influenciou diversas ciências a fim de diferenciar as produções humanas das ideias teológicas e metafísicas, pois essa doutrina entende que o conhecimento científico sistemático é baseado em observações empíricas dos fenômenos. Desse modo, o Positivismo propôs que a ciência seguisse alguns critérios rígidos de classificação dos objetos estudados a partir da observação de fenômenos concretos, passíveis de serem apreendidos pelos sentidos do homem e não mais pela subjetividade.

massa. Então, o filme por ser uma fonte não escrita não tinha identidade própria, por isso o historiador não podia utilizar um documento dessa natureza.

A História passou por modificações em relação às fontes para a pesquisa histórica, inicialmente influenciada pelo pensamento de Karl Marx, pois em sua concepção as sociedades deveriam ser investigadas por meio da análise empírica para compreender o que realmente existe. Para tal, as ciências sociais utilizaram os conceitos consciência de classe, luta de classe, ideologia, proletariado, Revolução Comunista, dentre outros, como instrumento de análise da realidade, pois ao contrário do Positivismo que só considerava os feitos dos “grandes homens” como fonte para a pesquisa histórica, Marx dá visibilidade para as classes trabalhadoras (proletariado) que foram excluídas da História pelos positivistas. Posteriormente, as propostas da Escola de Annales² e da História Nova³ de acordo com Zucchi (2012), contribuíram significativamente em mudanças para um novo objeto de estudo da pesquisa histórica na qual deram origem ao estudo da Micro-História, ou seja, a história de pessoas “comuns” passou a ser estudada pelos historiadores de maneira aprofundada a partir de várias fontes que delimitassem a trajetória de vida econômica, social, cultural e religiosa desses indivíduos ou pequenos grupos que antes ficavam “de fora” dos estudos históricos. Entretanto, o filme enquanto documento histórico ainda continuava desvalorizado, apesar de a elite e o historiador frequentarem o cinema a partir de 1970. Com isso, o trabalho do historiador mudou deixando de registrar apenas o que se passou, para registrar também hipóteses, incertezas, permanências e mutações inviáveis de longa duração.

Ferro (1992), trata ainda da questão que o filme tem sido analisado como um produto. Mas, a análise pode abranger o filme em sua totalidade como também trechos ou apenas partes do todo. Enquanto que a crítica não se limita ao filme ela pode considerar o contexto, o entorno da produção. Assim, pode-se analisar o filme em si e o que o compõe.

Partindo das concepções de Ferro (1992), é necessário compreender que existem dois lados de uma realidade histórica na qual a análise de um filme só é totalizante quando considera mais de uma abordagem. Desse modo, um filme, seja qual for ele, sempre vai além de seu próprio conteúdo e da realidade representada, pois permite atingir uma zona da história até então ocultada e inapreensível. Pois,

² A Escola de Annales surgiu em 1929 na França, com a defesa que todas as ações humanas têm historicidade e estas devem ser objeto de investigação histórica.

³ A História Nova propôs-se a estudar as estruturas sociais e não uma história linear e cronológica, pois também considerava que as pessoas “comuns” devem ser fonte de investigação dos historiadores.

Se não conseguirmos identificar, através da análise fílmica, o discurso que a obra cinematográfica constrói sobre a sociedade na qual se insere, apontando para suas ambiguidades, incertezas e tensões, o cinema perde a sua efetiva dimensão de fonte histórica. (MORETTIN, 2011, p. 64).

Como proposto por Morettin (2011), é necessário realizar uma análise fílmica para compreender o contexto histórico de determinado filme e os significados implícitos encontrados no discurso audiovisual, ou seja, aproximar-se da obra cinematográfica com o intuito de compreender sua simbologia, pois o filme também se configura como discurso simbólico.

O artigo ora apresentado vem consolidar a importância do trabalho com filmes históricos no Ensino Fundamental como ação educativa e cultural facilitadora da aprendizagem, uma vez que, “a escola não deve apenas instrumentalizar seus alunos, mas sim proporcionar, por meio do cinema, uma leitura crítica e o aprofundamento do conhecimento produzido pelas leituras em sala de aula” (KLAMMER; FORTUNATO; MELO, 2015, p. 7). Pois, de acordo com Ferro (1992), o filme da realidade ou fictício, baseado em fatos reais ou no imaginário do homem são História.

METODOLOGIA

No Projeto de Extensão “Cinema e Educação Histórica no Ensino Fundamental” (PROEX-UEPB), foi elaborada uma ação didático-pedagógica intitulada “Nossas Origens: A Pré-História em Filme” cuja execução ocorreu em março de 2018 e trabalhou a temática da Pré-História no recorte de tempo do período Paleolítico a partir do filme “A Guerra do Fogo”, junto à turma do 6º ano D do Ensino Fundamental II, composta por 25 alunos, da Escola Nossa Senhora do Rosário, situada na Cidade de Campina Grande-PB.

O filme selecionado com duração de 1h 40 min tem origem francesa, foi lançado em 1982 e dirigido por Jean-Jacques Annaud. Para desenvolver a ação, o filme foi editado para contemplar os objetivos propostos. Mais destacadamente, as cenas que apresentam: pinturas corporais, crenças, a relação com o sobrenatural e a sobrevivência em pequenos grupos. No aspecto da sobrevivência como encontrar água, lugares para se abrigar e carne suficiente para alimentar até o momento em que o homem consegue se estabilizar a partir da capacidade de produzir sua subsistência quando tem desenvolvido sua moradia, a técnica da confecção de cerâmica, instrumentos de pesca e coleta.

Após a edição do filme, a ação foi organizada em slides estruturados para que os alunos visualizassem os tópicos de sensibilização, a ficha técnica do filme, os personagens e discussão a serem abordados.

Nos tópicos de sensibilização, foi solicitado aos alunos que durante a exibição do filme observassem os seguintes aspectos: o vestuário dos hominídeos, os tipos de moradias, a organização/relações sociais dos grupos, a forma de comunicação, as tecnologias desenvolvidas, e a relação dos grupos com o fogo para realizar a discussão e a atividade proposta sobre o filme.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, foi preciso compreender que o filme histórico enquanto recurso pedagógico não é uma reprodução da realidade, apenas representa um determinado contexto com características que lhe são próprias, assim:

É importante, portanto, para que possamos apreender o sentido produzido pela obra, refazer o caminho trilhado pela narrativa e reconhecer a área a ser percorrida a fim de compreender as opções que foram feitas e as que foram deixadas de lado no decorrer de seu trajeto. (MORETTIN, 2011, p. 62).

A partir dessa perspectiva, introduzi a exibição do filme “A Guerra do Fogo” de grande valor antropológico inserido no período do Paleolítico e ao analisá-lo é possível perceber que houve um tempo na humanidade que a força e a coragem eram os elementos distintivos para definir o status do indivíduo dentro do grupo e também necessários para manutenção e sobrevivência do mesmo. Entretanto, ao longo do filme essa concepção muda para quanto maior o conhecimento do grupo maior seu desenvolvimento.

É importante destacar que nenhum dos tempos históricos como a Pré-História, Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e a Idade Contemporânea podem ser considerados melhores ou piores do que os outros. É necessário fazer uma comparação observando a relatividade do conhecimento que um grupo tinha no tempo histórico que viveu e o que garantiu a sua sobrevivência.

O filme mostra como era fácil sobreviver em pequenos grupos para encontrar água, lugares para se esconder e carne suficiente para alimentar. Até que o homem consegue se estabilizar a partir da capacidade dele próprio produzir sua subsistência à exemplo do grupo

Ivaka que tem desenvolvido moradia, cerâmica, instrumentos de pesca e coleta, uma série de pinturas corporais, crenças e a relação com o sobrenatural.

O hominídeo começa a planejar as suas ações e a capacidade de desenvolver estratégias para que toda sua fragilidade em relação às outras espécies e grupos seja superada. Essa capacidade do homem permitiu a transformação da natureza à medida que atuou sobre o meio ao seu entorno e como consequência produziu uma segunda natureza, a natureza social.

A capacidade do homem de começar a se apropriar do meio a partir de uma transformação do que este oferece, possibilita a escolha da alimentação e a produção do fogo fundamental para aquecer, proteção contra animais, encontrar abrigo dentro das cavernas e ainda continuar protegidos.

O grupo Wagabou considerado menos evoluído em termos de tecnologia possuía uma linguagem pouco desenvolvida apenas grunindo, utilizava troncos de árvores, pedras e ossos como armas e não possui nenhum domínio sobre o fogo sendo necessário atacar outros grupos para obtê-lo. Seu estágio de desenvolvimento era o *Homo Erectus* e não possuía vestimenta porque os hominídeos tinham o corpo coberto por pelos lembrando a aparência de macacos.

O grupo Ulam está em um estágio intermediário de desenvolvimento do *Homo Neanderthalensis* que viviam em cavernas, alimentavam-se de carnes, frutas, legumes, fabricavam lanças de madeira polindo a ponta para afiar, vestiam peles de animais, não possuíam domínio sobre o fogo e o considerava como algo sobrenatural, mas era utilizado para aquecimento do frio, iluminação, proteção contra animais selvagens e para a alimentação e possuíam um líder que comandava as ações dentro do grupo.

O grupo Kzamm que se encontra no estágio de *Homo Neanderthalensis* não tinha fala articulada se comunicava por meio de grunidos e gestos, eram vários indivíduos e todos se vestiam com muitas camadas de pele de animais, usavam um adorno no nariz possivelmente um dente de algum animal que mataram para a alimentação. Esses hominídeos eram nômades e deslocavam-se frequentemente com a necessidade de obter alimentos, pois diferentemente dos outros grupos eram canibais e capturavam indivíduos da mesma espécie para alimentarem-se. Logo, para esse grupo não há distinção entre um animal irracional e racional, visto que, alimenta-se de qualquer um. O estágio de desenvolvimento cultural desse grupo era rudimentar, pois não fabricavam instrumentos utilizavam troncos de árvores e ossos para proteção e ataque bem como não produziam fogo o obtinha de outros grupos depois de batalhas.

O grupo Ivaka era o mais avançado culturalmente e biologicamente. Utiliza ornamentação corporal, pintura corporal, máscaras, fabricava cerâmica e armas sofisticadas bem como cabanas para moradia, a alimentação baseia-se em carne e frutas, possuía domínio pleno sobre o fogo utilizado para diversos fins, a linguagem é bastante desenvolvida em relação aos outros grupos com uso do riso que causou espanto aos homínídeos do grupo Ulam por não saberem o significado da ação. Por isso, que a fala é uma das maiores evoluções do homem. Desse modo, o grupo Ivaka está no estágio de *Homo Sapiens* e tem a face totalmente humanizada, mostrando a modernidade plena do Paleolítico Superior em transição para o Mesolítico.

Cada etapa do filme na realidade levou milhões de anos para desenvolver-se de repetidos e sucessivos acontecimentos para que os homínídeos as efetivassem. Tudo que o filme retrata não acontece nessa velocidade, são processos muito lentos que foram acontecendo gradativamente. Assim, o domínio do fogo eixo do filme possibilitou a sobrevivência e o desenvolvimento do homem.

Após a exibição do filme, foram apresentados os tópicos de discussão, no qual abordei o surgimento dos primeiros homínídeos, a partir da teoria evolucionista fazendo uma comparação com os estágios de desenvolvimento das tribos Wagabou, Ulam, Kzamm e Ivaka retratadas no filme, contextualizei o período histórico do Paleolítico (Idade da Pedra Lascada), suas características, os estilos de vida, ou seja, como os grupos/tribos se organizam em sociedade, a economia (forma de subsistência) dos homínídeos e suas produções culturais.

A partir dos tópicos de discussão grande parte dos alunos se posicionou sobre a importância de conhecer nossos antepassados, os estilos de vida primitiva bem como a mudança na vida do homem com a descoberta e a utilização do fogo, pois de acordo eles estudar o passado permite entender as ações do homem no presente ao perceberem que “o homem teve muitas dificuldades para conseguir sobreviver, e mesmo assim chegou onde está” (Aluno 1). Na perspectiva dos alunos, o filme ajudou a compreender a época retratada, pois os que já haviam estudado a Pré-história em anos anteriores relembram a temática a partir de uma nova perspectiva. Dessa forma, a turma que executei a ação conseguiu perceber a transição do ser humano ao longo da História para se apropriar do ambiente em que vive e assim, dominar as técnicas de sobrevivência.

Com o objetivo de os alunos fazerem uma síntese do que aprenderam ou selecionar o que foi mais relevante para cada um a partir do filme e das discussões abordadas foi solicitado

uma produção textual partindo da seguinte frase: “O filme exibido contribuiu para meu aprendizado? Se sim, por que?”

Diante da atividade realizada, os alunos abordaram no texto a definição e características do período histórico discutido na aula, como nos trechos a seguir:

O filme se passava no período paleolítico, um período que se começava o desenvolvimento humano, a produção de ferramentas, armas e outros. Os grupos humanos viviam nas cavernas, se alimentavam de partes de animais e se vestiam com a pele do animal. (Aluno 2)

Na Pré-história existiram povos antigos, a domesticação de animais, a produção do fogo, e a evolução dos hominídeos que eram nômades e se deslocavam de um local para outro. Os hominídeos se alimentavam de animais, frutas e pescavam. Eles viviam em grupos para sobreviver e assim usavam o fogo como defesa e ataque contra os animais e as outras tribos. (Aluno 3)

A turma do 6º ano que desenvolvi a ação demonstrou domínio em relação às características do tempo histórico do filme e também das tribos retratadas, pois as descreveram na produção textual solicitada, mas não explicitou no texto os aspectos em que o filme contribuiu, deixando apenas as contribuições oralmente durante a discussão. Assim, o filme inserido no gênero histórico “permite montar grandes espetáculos tendo, ao mesmo tempo, um álibi educativo”. (LAGNY, 2009, p. 114).

No que diz respeito à compreensão do tema os alunos conseguiram atingir os objetivos propostos, porém no que diz respeito à estrutura da produção textual apesar de não ser o foco da análise pude perceber que os mesmos não dominavam o uso de organizadores textuais, visto que, escreveram do jeito que se fala.

Durante a execução da ação, desafios surgiram, principalmente, pela necessidade de atrair a atenção dos alunos da turma do 6º ano, pois demonstravam ser bastante dispersos e com fraca capacidade de concentração. Depois, consegui contornar essa dificuldade quando observei que indicaram uma relação com algo que estudaram anteriormente, pois alguns alunos relataram ter estudado a temática da Pré-História no 3º ano do Ensino Fundamental I. Então, partindo do conhecimento prévio dos alunos consegui envolvê-los com uma perspectiva diferenciada, pois o filme contribuiu para ilustrar o período histórico em discussão motivando a aprendizagem. “Neste sentido, pode-se dizer que utilizar o cinema no processo de ensino aprendizagem possibilita ao sujeito ter um novo olhar, de extrair valores conforme suas possibilidades humanas e ter uma relação com o conhecimento de forma mais significativa”. (KLAMMER; FORTUNATO; MELO, 2015, p. 3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto de Extensão “Cinema e Educação Histórica no Ensino Fundamental” além de possibilitar o aperfeiçoamento da prática docente, superou a visão do filme como diversão para os alunos entenderem que o mesmo é uma ferramenta pedagógica e não mais como “passa tempo”. Ademais, o uso do filme em sala de aula deve ampliar o imaginário e o interesse do aluno pela História.

Diante da execução da ação didático-pedagógica proporcionada pelo projeto de extensão anteriormente citado, acredito que o uso do filme histórico na escola contribui significativamente para um ensino na perspectiva inovadora, como meio estratégico para a formação crítica, uma vez que, o cinema de acordo com Ferro (1992) e Morettin (2011), vai muito além de um simples entretenimento, pois perpassa o visível, ou seja, as imagens.

Portanto, o filme possibilitou a compreensão sobre o período histórico discutido, as representações das comunidades primitivas, suas organizações sociais, perceber o ser humano como produtor de cultura desde a época mais remota até a contemporaneidade, e, sobretudo, possibilitou o engajamento e participação da maioria dos alunos durante as aulas, pois foi necessário compreender não apenas a obra fílmica como também a realidade representada pela mesma a partir da contextualização histórica.

REFERÊNCIAS

A GUERRA do fogo. Direção de Jean-Jacques Arnnaud. Roteiro de Gerard Brach. França/ Canadá: 1981. 1 videocassete (96 min). VHS, son, color.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 20 ago. 2018.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: **Cinema e História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 25-47.

KLAMMER, Celso Rogério; FORTUNATO, Jaqueline; MELO, Rodrigo. A importância do cinema por meio do cineclube na escola. In: **XII Congresso Nacional de Educação.** Curitiba, 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17809_7889.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2018.

LAGNY, Michele. O cinema como fonte de história. In: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (Orgs.). **Cinematográfico: um olhar sobre a história.** Salvador: ED. UFBA: São Paulo: UNESP, 2009. p. 99-131.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO, Maria Helena et al. **História e cinema**: dimensões históricas do audiovisual. 2^a. ed. São Paulo: Alemanha, 2011. p. 39-64.

ZUCCHI, Bianca Bargalho. BNCC - História. In: **Base Nacional Comum Curricular - Material do Professor**. São Paulo: Moderna, 2017.

_____. As teorias históricas: mudanças na pesquisa e na sala de aula. In: **O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental**: teoria, conceitos e uso de fontes. São Paulo: Edições SM, 2012. p. 36-51.